

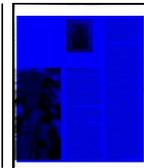


A ABRIR

## Estudos da memória

# Recordar ou esquecer a Guerra Colonial





**Chegou recentemente** às bancas, em forma de livro, um dos primeiros efeitos visíveis de um grande projeto, relacionado com estudos da memória e em torno da Guerra Colonial/lutas de libertação, de que aqui demos conta em 2016, quando Miguel Cardina, do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, viu ser-lhe atribuída uma bolsa “starting grant” do Conselho Europeu de Investigação, destinada a pôr em marcha o projeto CROME (Memórias cruzadas, políticas do silêncio: as guerras coloniais e de libertação em tempos pós-coloniais).

Cardina reparte com Bruno Sena Martins a coordenação de “As Voltas do Passado – A Guerra Colonial e as lutas de libertação” (Tinta da China), que envolve também o projeto ECHOES – Historicizar Memórias da Guerra Colonial.

O objeto deste trabalho, convirá sempre explicitá-lo, não é uma história dos conflitos que, de 1961 até 1974, opuseram Portugal aos movimentos independentistas das colónias portuguesas, então designadas oficialmente, do lado português, por províncias ultramarinas (não é fácil manter equidistância em questões em que o debate ideológico/historiográfico passa muito pelo refinamento dos conceitos). É um levantamento de como a guerra (as guerras, pode dizer-se) foi fixada ou esquecida na memória, em Portugal e nos países que emergiram do des-

membramento do império colonial português. É um retrato da memória, ou um esboço de retrato da memória, ou um conjunto de muitos pequenos ensaios em torno de acontecimentos específicos ligados à guerra, seus antecedentes e consequências, focados não nesses acontecimentos mas no modo como são lembrados ou esquecidos.

“Os eventos selecionados têm em comum o facto de terem produzido um lastro memorial presente em discursos e monumentos públicos, em mobilizações sociais, em apropriações políticas, em silêncios mais ou menos persistentes que nos contam como se foram modelando as vidas futuras desses eventos passados”, lê-se na introdução deste volume que, não sendo uma história da guerra, é essencial para percebermos o que, mesmo sendo óbvio, também nunca é muito lembrado: os muitos lados que essa eventual história, a ser contada, algum dia, terá de ter em conta.

O livro é o resultado do trabalho de 52 autores, que, pela natureza inovadora dos projetos, merecem ser referenciados, mesmo que apenas pelos nomes. Aqui ficam: Aida Freudenthal, Albert Farré, Aniceto Afonso, André Caiado, Amélia Neves de Souto, Ângela Campos, Ângela Benoliel Coutinho, Bruno Sena Martins, Carlos de Matos Gomes, Celeste Fortes, Cláudia Castelo, Cláudio Alves Furtado, Diana Andringa, Elsa Peralta, Fidel Reis, Gerhard Seibert, Helena Wakim Moreno, Inês Nascimento Rodrigues, Isabel Maria Cortesão Casimiro, José Neves, José Pedro Monteiro, Julião Soares Sousa, Justin Pearce, Leonor Pires Martins, Leopoldo Amado, Manuel Loff, Marcelo Bittencourt, Margarida Calafate Ribeiro, Maria Benedita Basto, Maria da Conceição Neto, Maria José Lobo Antunes, Maria Paula Meneses, Michel Cahen, Miguel Bandeira Jerónimo, Miguel Cardina, Miguel de Barros, Mustafah Dhada, Nélida Brito, Odete Semedo, Paulo Lara, Raquel Ribeiro, Redy Wilson Lima, Rita Rainho, Rui Bebiano, Sílvia Roque, Sheila Khan, Susana Martins, Teresa Cruz e Silva, Tiago Matos Silva, Vasco Martins e Verónica Ferreira.